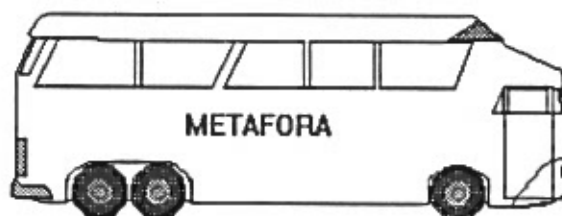


(TEXTO PROVISÓRIO)

NOVAS METÁFORAS PARA A (DES)ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

JOAQUIM AZEVEDO

MAIO DE 1997



"Le futur n'est plus se qu'il était"

P. Valéry

**"If you do not think about the future,
you cannot have one"**

J. Galsworthy

Introdução

Reune-nos aqui uma preocupação comum com o futuro socioprofissional dos jovens e uma vontade também partilhada em equacionar os novos desafios que se colocam à orientação escolar e profissional dos jovens.

O desemprego atinge mais de trinta milhões de indivíduos nos países da OCDE. Os jovens e as mulheres são os que mais sofrem com este flagelo social. A Europa parece incapaz de entrar no Séc. XXI com energia e vontade suficientes para evitar uma enorme fractura social. Em cada um dos países, 15 a 30% dos jovens abandonam a escola sem qualquer diploma, escolar ou profissional.

Ao mesmo tempo, nunca como hoje foi possível dispormos de tantos meios e condições para criarmos trabalho. Todavia, reduzimos constantemente o emprego, aparentemente incapazes de equacionar harmoniosamente, de novo e sempre, os problemas da produtividade, do trabalho e do emprego, da mundialização, da concorrência internacional e da dimensão humana do desenvolvimento.

Portugal, como economia interdependente e periférica, não escapa a reproduzir este quadro societal. O desemprego subiu e já nos debatemos com o inédito fenómeno de contarmos com dezenas de milhares de jovens licenciados que não encontram trabalho. A procura escolar é cada vez mais uma procura desencantada (Chisholm, 1995) e

muitos professores testemunham que há da parte dos alunos uma progressiva manifestação de desinteresse pelo trabalho escolar. Afinal, para quê estudar, para quê obter os mais altos diplomas ?

A sociedade aparece bloqueada aos olhos de muitos jovens. É evidente que não partilham este sentimento aqueles que detêm o privilégio de terem o destino mais ou menos traçado e o seu lugar mais ou menos assegurado, que são uma minoria.

A sociedade mudou muito nos últimos vinte anos. E o que mais surpreende nessa mudança é a velocidade a que muda e a carga de incerteza e de imprevisibilidade que o futuro descarrega sobre o presente. Vivemos um tempo em que é urgente refazer promessas sociais, conscientes de dois dados elementares: por um lado, as sociedades humanas carecem desse ambiente de cumplicidade colectiva e de solidariedade para se manterem coesas e, por outro, se é certo que o passado é prólogo, ele parece já não nos fornecer grande parte dos elementos de que carecemos para architectar novos possíveis.

Aos sistemas nacionais de educação é requerida a solução para grande parte das inquietações e das perguntas que permanecem sem resposta. A escola é como que a mãe de todas as tarefas de educação, de instrução e, no limite, de socialização das crianças e dos jovens deste fim de século. Todavia, o impasse é evidente e os equívocos somam-se. Se ao sistema escolar não cessamos de atribuir funções sociais, pouco cuidamos de nos interrogar de que modo o tipo de organização de metodologias, de espaços, de recursos e de ideologias de que dispomos actualmente constituem a sustentação adequada para essas importantes missões sociais.

Por outro lado, o tempo de permanência na formação inicial prolongou-se muito, multiplicaram-se fileiras de ensino e de formação e desenvolveu-se de forma rápida e muito forte uma gama muito diversa de oportunidades de formação contínua. Orientar-se constitui uma missão que se complexificou substancialmente.

Para mantermos a “sociedade aberta”, reconstruirmos um ambiente de esperança e para impedirmos que seja o saudosismo da escola elitista de há trinta anos ou o cinismo de uns quantos líderes de opinião a orientar os nossos passos, precisamos antes de mais de palavras, novas ou revisitadas. São elas que rasgam os caminhos, que abrem a entrada humana na turbulência e na vozearia que nos rodeiam: “antes de um lugar, há o seu nome” lembra a voz da poesia, “no princípio era o verbo”, diz o maior dos nossos livros. Precisamos de nomear o desconhecido para esconjurar o medo ou impedir as manifestações da barbárie.

Por isso, o que lhe proponho são metáforas.

O que são metáforas? São exactamente veículos que nos conduzem para além dos limites que vislumbramos por diante, autocarros (metáfora, em grego) que nos levam de um dado local para outro, são portas que se rasgam para passarmos daqui para ali; às vezes podem ser apenas umas pobres velas que pouco alumiam a noite, como estas que vos proponho, mas sempre ajudam a discernir as grandes sombras.

E metáforas para quê? Apenas pretendo, com esta reflexão, contribuir para que jovens e adultos, profissionais dedicados à

orientação escolar e profissional e professores, situem de novo o seu papel de educadores e orientadores, à luz de um contexto social que apresenta significativas mutações. Parto à procura de um quadro de referência constituído quer por uma abordagem acerca de onde estamos quer por uma visão acerca de para onde queremos ir.

Que metáforas vos proponho? A do voo de borboleta, a da primeira pedra, a do cartógrafo e a da espiral.

O voo de borboleta

O primeiro meio de transporte para pensarmos de outro modo a realidade social deste fim de século é que designo por passagem da projecção linear das carreiras profissionais aos percursos profissionais em voo de borboleta.

Existe na sociedade portuguesa (como em outras) um fosso profundo e frio entre as gerações que cresceram e começaram a construir os seus projectos de vida durante os “trinta gloriosos” (1945-1975), entre os quais me incluo, e a “geração” dos que hoje têm entre os 15 e os 25 anos. Enquanto que uma boa parte dos primeiros projectou o seu futuro escolar, profissional e familiar como quem atira um projectil (o que se pode designar por projecção linear), com coordenadas mais ou menos seguras e com uma boa dose de certeza e de promessas associadas, já os segundos projectam agora o seu futuro num contexto de enorme turbulência e imprevisibilidade, aparentemente sem quaisquer referências estáveis a que se agarrar (o que designo por “ projecção em voo de borboleta”). A beleza do voo das borboletas esconde um segredo: em cada dia e em cada momento em que o voo

se esboça, ele nunca se repete. É sempre novo no seu zigzaguear. Ora sobe, ora desce, ora vira para um lado ora passa para outro, ora avança ora retrocede. O voo das borboletas escapa à nossa mais sofisticada capacidade de previsão, é pelo menos aparentemente caótico e, para nosso espanto, é quase sempre harmonioso.

Estudiosos dos itinerários profissionais dos adultos (23 - 67 anos) têm evidenciado que “a evolução profissional se realiza num estado de questionamento permanente ou no seio de uma instabilidade que se pode qualificar como omnipresente”. (Riverin - Simard 1996:481).

Assim, o desenvolvimento vocacional não é apenas típico dos anos da formação inicial, realiza-se ao longo de toda a vida de trabalho e à medida que os anos passam ocorre uma progressão permanente da identidade e do projecto profissional individual. Por outras palavras, a situação de transição profissional é permanente, não se confina à transição inicial escola-trabalho. O “caos vocacional” (ibidem) percorre áreas tão diversas como os questionamentos intra-individuais, as mudanças intra-organizacionais (ex. modificações das tarefas) e as mutações inter-organizacionais (ex. mudança de emprego ou de actividade).

Os especialistas que acompanham as carreiras profissionais confrontam-se cada vez mais com estes voos de borboletas e começam a apreendê-los não como uma excepção mas como a realidade profissional própria do início do Séc. XXI.

Perante o fim de uma “sociedade de pleno emprego” (ou assim apresentada), o futuro já não é o que era para ser. A revista *Esprit* apontava recentemente para a necessidade da “geração” dos “orfãos

dos trinta gloriosos” fazer o luto dos sonhos de um futuro que era o dos seus pais e que, em boa parte, lhes continua a ser transmitido como o óbvio ou o mais provável. Creio também que esse luto os poderá seriamente libertar para recriar sonhos e promessas, alimento essencial de que todos precisamos, individual e colectivamente. De certo modo pode dizer-se que o luto de um certo futuro, ainda tão presente na sociedade é condição de abertura de um novo futuro, agora já longe do mesmo optimismo histórico que dominou o pós-Guerra.

Vejamos alguns traços que caracterizam este novo quadro societal no que se refere à vida profissional.

(i) os adolescentes e os jovens quando são impelidos a obter um diploma e a projectar a sua vida profissional encontram-se diante de uma paisagem onde não sabem quando poderão obter um primeiro emprego, quantas pequenas actividades terão de desenvolver antes de obter este primeiro emprego, desconhecem quanto tempo é que ele durará, ignoram se as actividades, o primeiro emprego e os empregos que se lhe seguem terão algo que ver com a formação inicial especializada em que investiram ou ainda quantas vezes terão de mudar de emprego e de área de actividade, ao longo da vida profissional;

(ii) os que têm hoje entre 15 e 25 anos já não podem architectar um futuro profissional com base na segurança (relativa) que os estudos econométricos de previsão de necessidades de mão-de-obra veicularam. Não se sabe sequer como saber quais os empregos que vão ser mais ou menos oferecidos dentro de cinco anos, o que, se transmite desorientação aos decisores políticos faz progredir entre os mais novos a inquietação e contribui para o desencadear de um

conjunto de novas atitudes progressivamente generalizadas, entre as quais se pode assinalar o desinteresse pelo estudo, a instalação de um clima de desencanto dentro das escolas e no seio do processo de procura das mais altas credenciais escolares, a fuga-para-a-frente em ordem à obtenção destes elevados diplomas através do prolongamento artificial e compulsivo da permanência no sistema de ensino e de formação inicial;

(iii) os adolescentes e jovens são confrontados com a necessidade de construir projectos de vida sem poder conhecer que tipo de vinculação laboral poderão vir a obter, sendo o mais provável que seja precária, ao longo dos primeiros anos do exercício profissional. Isto equivale a dizer que ficam sem saber quando e como poderão, p.ex., alugar ou comprar uma casa para iniciar uma vida independente ou uma vida familiar;

(iv) a população portuguesa que tem hoje entre 15 e 25 anos, ao mesmo tempo que é o primeiro grupo social e geracional que enfrenta o futuro profissional detendo um elevado volume de altas credenciais escolares, é também aquele que mais sente o choque derivado ao facto de este ser exactamente o momento em que elas valem cada vez menos, não constituindo já um factor de segurança, ao fim de dezassete anos de investimentos educacionais (é evidente que me refiro à maioria dos jovens que estudam no ensino secundário e superior e não já à elite que, hoje como ontem, poderá ter o seu futuro profissional mais ou menos desenhado desde o berço...);

(v) além disto, estes adolescente e jovens terão de enfrentar estas adversidades e o flagelo do desemprego num contexto social e educativo em que não foram educados para a autonomia de voo, para a

iniciativa e o empreendimento, mas tão só como se o seu futuro fosse apenas um pouco mais do nosso passado, como se a passividade escolar e a transição nos exames constituíssem bagagem suficiente para a viagem, como se aceder à informação constituísse garantia de reflexão e compreensão do mundo.

Não é fácil, finalmente, crescer sem a esperança viva de vir a obter trabalho, quanto este facto, em termos culturais, tem sido equivalente à previsão de vir a obter “um estatuto e um reconhecimento”, como também assinalava a revista *Esprit*.

A este quadro acresce o facto, que em grande parte também lhe subjaz, de que estes parecem ser os traços de um futuro inelutável, em que as novas tecnologias não cessarão de nos surpreender e de substituir mais e mais o trabalho humano, em que as empresas e os seus activos se subordinarão crescentemente aos imperativos da competitividade económica internacional, em que estes imperativos económicos comandarão uma (aparente) deriva socioprofissional. Por outras palavras, o determinismo económico parece “secar” o campo das referências culturais humanas. Nesta óptica, estaríamos perante um certo “fim da história”.

A primeira pedra

O segundo veículo de transporte de que qualquer cidadão devia poder usufruir é o que assinala que um diploma escolar, mormente um diploma do ensino superior, já não é o telhado da casa, é apenas a sua primeira pedra. A elite da geração que cresceu nos “trinta gloriosos” e que alcançou um diploma do ensino superior (e até do ensino

secundário) pensava que tinha chegado ao cume da sua formação e que, doravante, lhe bastaria gozar os rendimentos adquiridos. Tínhamos atingido o telhado do edifício e daí poderíamos contemplar uma carreira profissional, com um horizonte mais ou menos claro pela frente.

Hoje, a formação inicial é tão-só a primeira pedra. Não é a mesma coisa estudar dezassete anos para chegar ao telhado da casa e estudar durante dezassete anos para poder colocar apenas a primeira pedra do edifício. Primeiro, as vistas não se comparam. Por mais brilhantismo que queiramos dar às cerimónias de "lançamento da primeira pedra" elas soam sempre um pouco a vazio, apelam muito à nossa imaginação, e sentimo-nos melhor amparados e orientados se ao lado houver uma maqueta do edifício a construir. Depois, é muito diferente vislumbrar uma carreira profissional a partir do telhado ou a partir do solo, quando desde este último contamos apenas com a ajuda do primeiro passo para a construção do novo edifício e com um desenho mais ou menos rigoroso de um arquitecto.

Hoje, o diploma de formação inicial constitui um importante elemento fundacional. Sobre ele, e quanto melhor for a fundação mais segura será a construção, serão erguidos momentos de trabalho e novos momentos de formação, outros cursos e novos diplomas, momentos ora mais formais ora mais informais de aprendizagem ao longo da vida. A primeira pedra só ganha sentido porque é a primeira de uma série de outras pedras que hão-de configurar o edifício pessoal.

Da escola de massas destes tempos de incerteza e de ambiente socioprofissional ziguezagueante espera-se que continue a transmitir, e bem, um volume de saberes nucleares - o ler, escrever e calcular e

outros saberes científicos - e que proporcione também um leque mais vasto de saberes e de competências sociais, um conjunto de atitudes e de valores capazes de sustentar os novos processos de inserção e as trajetórias socioprofissionais imprevisíveis, estabelecendo pontes abertas com outras fontes de saber e de desenvolvimento de competências.

Entre as novas atitudes e competências de jovens estará certamente: (i) a coragem para enfrentar o mundo profissional sem o alcance e a tranquilidade de quem o vê do telhado; (ii) a capacidade de iniciativa e de empreendimento para procurar trabalho, para construir oportunidades, para disputar lugares, para conceber novos percursos profissionais (individualmente e em grupo);(iii) a capacidade de comunicação e argumentação, que são essenciais para quem vai ter de erguer uma vida profissional instável em diálogo permanente com os outros, sendo este conjunto “os outros” algo que também vai mudando ao longo da vida;(iv) a humildade e a perseverança de saber e poder recomeçar, a cada passo da vida, de reaprender sempre.

O cartógrafo

A terceira metáfora é a do cartógrafo. Antes, quando um jovem terminava o seu curso dizia-se que era um diplomado. Hoje, assemelha-se sobretudo a um cartógrafo, alguém que, em função das viagens que vai realizando e das informações que vai recolhendo de boa fonte, fixa o norte, os lugares, os ventos, as rotas, tudo o que pode ser instrumento de orientação para a sua vida profissional.

No Séc. XVI, conta-nos o cartógrafo Frei Mauro que o seu trabalho consistia na recolha, ano após ano, de informações provenientes de todo o mundo, transmitidas por mercadores, viajantes, investigadores, navegadores, embaixadores, aventureiros, missionários. Na sua cela, em Veneza, a informação recolhida era cuidadosamente tratada e registada. O desconhecido ia-se transformando, deste modo, em formas e espaços, em novos nomes e novos lugares.

Como confessa o monge seiscentista no seu diário, o cartógrafo nunca possui todos os dados. Vai cruzando todos os que consegue reunir e acolhe e escuta as mais diversas fontes de informação. Isso não o impede, todavia, de desenhar rotas e de "esboçar um cabo ou uma baía sem conhecer o continente a que poderiam estar unidos" ou seja, de ir dando forma ao desconhecido, vencendo-o, sempre provisoriamente. Apesar do seu labor de cartógrafo resultarem mapas cuja fragilidade era patente, face à complexidade e à incerteza que o rodeavam, eles constituíam, ao mesmo tempo, os mais preciosos meios de orientação face ao desconhecido, da maior utilidade para quem quer que tivesse de viajar ou quisesse simplesmente possuir uma visão do mundo.

Apesar de estarmos longe dos "itineraria annotata" das vias romanas ou das cartas de marear e dos mapas da época das descobertas, os jovens de hoje, para enfrentarem adequadamente a sua vida profissional, em contexto de incerteza e de instabilidade, carecem igualmente do labor cartográfico não já sobre o Teatro do Mundo mas sobre o Teatro Socioprofissional.

Cada jovem, à entrada da vida profissional deve estar apto e disposto a construir progressiva e lentamente o seu mapa de

experiências e de competências. Periodicamente este mapa tem de ser revisto seja porque as competências se actualizam e se desactualizam os lugares e os ventos e as rotas são outras, seja porque o contexto socioprofissional requer que sejam dados novos passos, empreendidas outras viagens. Ora, já não se trata apenas de saber organizar um curriculum vitae, o que não é competência tão abundante como possa parecer. Estamos perante a necessidade quer de saber organizar dossiers ou portfólios de experiências e competências pessoais quer de proceder a registos periódicos de competências em falta e de competências adquiridas.

Esta atitude de cartógrafo não nasce espontaneamente. Educa-se. E o seu desenvolvimento tem muito mais que ver com uma educação para a iniciativa e o empreendimento e para a pró-actividade do que para a passividade e a re-actividade. Em vez de se investir em colocar o diploma na parede, estes são os tempos de andar de dossier na mão, os tempos de proceder a balanços de competências e de realizar continuamente novos investimentos na arca pessoal de competências.

Todos sabemos que as famílias de todos os grupos sociais, excepto aquelas para quem as origens já traçam os destinos mais favoráveis, perante a leitura que fazem de que as qualificações não geram automaticamente empregos e de que os que os obtêm são geralmente os que mais altas credenciais possuem, tendem a investir sobretudo na obtenção de mais altas credenciais escolares, independentemente do seu conteúdo ou adequação às reais necessidades sociais.

Todavia, creio que este comportamento, mesmo sendo maioritário, não é inevitável. Perante a adversidade do mercado do primeiro emprego a “moratória educacional” (Chisholm, 1995) não constitui a única saída. A “moratória da transição” escola-trabalho pode representar uma alternativa neste novo contexto societal uma vez que as viagens profissionais, mesmo se iniciadas antes da obtenção de elevadas credenciais escolares, também se transformam em capital profissional e cultural da maior utilidade para inscrever no mapa das competências pessoais.

A respeito desta metáfora, refira-se, finalmente, que os decisores políticos não devem, a meu ver, inculcar nas populações, implícita ou explicitamente, a excessiva dependência escolar. O afastamento do trabalho, durante tantos anos, está a criar uma sociedade escolar-dependente, refugiada no consumo, nos media e nos muros das instituições escolares. A socialização pelo trabalho e pela participação social também são fomentadores da autonomia pessoal e do desenvolvimento cívico.

A espiral

A quarta metáfora é a da espiral. Ela pretende dar conta do movimento sequencial e do contínuo vai-e-vém, ao longo de toda a vida, entre os momentos de educação, trabalho, ocupação e desocupação.

A espiral helicoidal manifesta um movimento circular saindo de um ponto original, talvez de uma primeira pedra, que simboliza emanção, continuidade cíclica, rotação criacional, um movimento em

progresso contínuo, como se a vida profissional se pudesse comparar a uma escada ascendente. Os movimentos ora avançam ora recuam, ora defluem para novos rumos, ora regressam a novos pontos de partida, ora são a luz ora mergulham no escuro.

Todas as culturas, desde há muitos milénios, se socorrem da espiral para assinalar “o equilíbrio no desequilíbrio, a ordem do ser no seio da mudança” (Chevalier e Gheerbrant, 1982:907). Construir uma espiral profissional pode bem representar o desejo profundo e actual de cada jovem, confrontados que estão com um ziguezagueante e caótico percurso profissional.

A educação e a formação já não são mais pontos fixos e únicos, trampolins de projecção individual e de sustentação de toda a vida socioprofissional. A educação e a formação inicial são apenas um ponto de partida, em que a escola está acompanhada por outras fontes de informação e de saber. Lançada a primeira pedra, o desafio que se coloca no exercício profissional é o de cada indivíduo levantar espiras sobre espiras, em movimentos circulares e progressivamente desenhados, com avanços e recuos, tendo em vista construir o seu itinerário pessoal.

Note-se, entretanto, que a descrição destes arcos em espiral, ao longo de toda a vida, requerem de cada ser humano, uma vontade e uma disponibilidade enormes para enfrentar a necessidade de manter vivo um fluxo permanente de energia e de renovação. Mais uma vez a educação escolar de base é chamada a exercer um papel crucial no fomento de novas competências.

E aqui chegamos a um ponto crucial: “não há ventos favoráveis para aqueles que não sabem para onde vão” (Séneca), ou seja, os referentes e as utopias constituem, neste contexto social de incerteza, uma importante fonte de iluminação para os caminhos pessoais que há que percorrer. Ziguezaguear sem orientação, voltear de espira em espira, sem norte, eis o risco que correm muitos jovens. Todos somos responsáveis, instituições sociais e cidadãos, organizações públicas e privadas, serviços de orientação e empresas, por resgatar o ser humano destes determinismos técnicos e económicos, da deriva socioprofissional, da perda de sentido de projecto e de promessa. Para tal temos de situar o ser humano no centro dos processos de desenvolvimento e não perifericamente como mais um recurso ou um instrumento disponível.

O relatório da UNESCO, sobre a educação para o Séc. XXI, na melhor tradição das Nações Unidas, propõe que à educação seja reservado o papel principal de *“dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de facto, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades”*.

A educação escolar, para ter futuro e contribuir nesse futuro para o desenvolvimento humano, tem de ultrapassar qualquer perspectiva estritamente utilitária, mais ou menos exclusivamente vinculada à qualificação do pessoal necessário ao mundo da produção, para se colocar como um elemento constitutivo do próprio desenvolvimento, desenvolvimento este que tem por fim último o ser humano.

Nesta matriz axiológica a orientação escolar e profissional dos jovens constitui-se antes de mais como uma tarefa cultural, antes de se traduzir também em acções mais ou menos técnicas. Creio que os projectos escolares e profissionais que os jovens architectam, para serem consistentes e conduzirem à realização de cada um, precisam de conter, mais ou menos visível, um fio interior e consistente de autenticidade e de sonho, de querer ser e de querer tornar-se, fio esse que, por mais invisível que seja, representa o pequeno farol que cada um reconhece no lugar mais avançado do porto de abrigo para onde quer progredir.

A orientação escolar e profissional dos jovens não pode ser neutra, sustenta-se num quadro de valores e, por isso, deve ser antes de mais uma construção de cada jovem e da sua família, sempre que possível, evidentemente apoiada por um labor técnico de informação, de confrontação, de busca apoiada e de incentivo, em ordem à manifestação e à assunção dos referenciais pessoais que indicam os caminhos.

Caros amigos,

por hoje, estes são os autocarros que consegui colocar em movimento, entre um presente de alguma desorientação e um futuro aberto e incerto. Os breves percursos que as metáforas nos permitiram empreender permitem-nos assinalar uma perspectiva para a orientação profissional que se integra num universo cultural novo que está a emergir diante de nós e que tão necessário é ousar nomear.

Pode dizer-se, no percurso de uma discussão que importará aprofundar, que hoje cabe aos indivíduos desenvolver narrativas

peçoais e gerir carreiras profissionais, com coerência e autenticidade, em contexto de elevada turbulência. As diferenças com o passado recente são várias. Assinalamos três: (I) gerir a sua carreira já não é uma tributo exclusivo da elite da sociedade industrial, passou a constituir uma necessidade para qualquer jovem e, cada vez mais, para qualquer adulto; (II) a orientação profissional não se confina ao sistema escolar e às escolhas iniciais, mas também diz respeito à organização do trabalho e emerge como uma renovada necessidade ao longo de toda a vida; (III) a orientação escolar e profissional inicial, mais do que fundamentar uma opção escolar e profissional para a vida, o que já era questionável, deverá lançar novas bases para o apoio ao desenvolvimento de carreiras zigzagueantes ao longo de toda a vida, acompanhando os processos de balanço de competências e de forte mutação profissional, mormente as fases onde a perda de identidade, de coerência pessoal e do sentido de pertença estejam mais dramaticamente postos em causa.

Creio que, nesta óptica, as necessidades de orientação escolar, formativa e profissional aumentarão muito significativamente, extravasando o campo da juventude para inundar a sociedade em geral, revestindo-se assim de uma nova relevância social (Collin e Watts, 1996).

Por outras palavras, se a desorientação é geral, a orientação também o deve ser. Não já apenas uma orientação escolar e profissional fechada nos quatro cantos do gabinete de uma escola ou de um centro de formação, mas uma orientação socioprofissional aberta e acessível em qualquer bairro ou município, tanto às famílias e aos jovens como aos adultos. Para o labor do cartógrafo, que será, afinal, cada jovem, não pode concorrer apenas uma fonte de informação,

mesmo que legitimada pela sua inclusão no aparelho escolar (ex. serviços escolares de psicologia e orientação). Dada a complexidade e a diversidade de informações a recolher, a tratar e a aplicar será necessário criar e dinamizar parcerias locais, plataformas diversas de diálogo e de cruzamento de dados e de perspectivas. Trata-se, a meu ver, de facultar um serviço público, tanto de iniciativa pública como privada, capaz de ajudar os cidadãos a construir espirais que, lentamente ganhem consistência pessoal no “caos vocacional” envolvente.

Em que é que este princípio se traduz?

Ao serviço público de orientação cabe também uma delicada missão de cartografar o percurso dos jovens que vão vagueando de actividade em actividade, de emprego em emprego, de empresa em empresa, tendo em vista desenhar rotas e rosas dos ventos que façam emergir, sempre e cada vez mais, a autenticidade e a dignidade de cada ser humano. O “caos vocacional” não é uma fatalidade, mais perigosa é provavelmente a deriva por que passa o serviço público de orientação ou o facto de vários organismos públicos estatais estarem a dispendir avultados recursos e a proceder a intervenções sobre o mesmo público-alvo e de costas uns para os outros.

Ao serviço público de orientação caberá também uma função de apoio à descrição de itinerários pessoais humanizados, tarefa em que ganha particular importância a articulação e integração entre as actividades de formação, de actualização, de informação laboral e profissional, de acompanhamento, de avaliação ou balanço de competências e de orientação profissional.

A estes serviços pode caber provavelmente uma das tarefas civilizacionais mais relevantes dos dias de hoje - e o esforço civilizacional não é um adquirido, reconstrói-se continuamente - porque factor de renovação da dignidade humana e, nessa medida, forja da "humanização da globalização".

Referências Bibliográficas

Chevalier, Jean e Gheerbrant - Dictionnaire des symboles. Paris: Robert Laffont, 1982.

Chisholm, Lynne - Youth transitions in the European Union, in Bash, L. e Green, A.(Ed.). Youth, education and work. London: Kogan Page 203-217, 1995,

Collin, Audrey e A.G.Watts - The death and transfiguration of career - and career guidance? British Journal of Guidance and Counselling, 1996, vol. 24, nº 3.

Cowan, James - El sueño de um cartógrafo. Barcelona: Ed. Península, 1996.

Riverin-Simard, Danielle - Le concept du chaos vocationnel: un pas théorique à l'aube du XXI Siècle ? L'orientation scolaire et professionnelle, 1996, vol. 25, nº 4, p. 467 - 487.

Roldão, Maria do Céu - A educação básica numa perspectiva de formação ao longo da vida. Inovação, vol. 9, nº 3, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1996.

UNESCO - educação, um tesouro a descobrir. Porto: Edições Asa, 1996.